

LETRAMENTO ACADÊMICO E O GÊNERO COMUNICAÇÃO ORAL: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE

Leiliane Aquino Noronha¹
Elaine Cristina Forte-Ferreira²

RESUMO

Diante da ampliação acerca da concepção do termo letramento e da recorrência de atividades no contexto acadêmico a partir de gêneros orais, objetivamos compreender as práticas com a oralidade através do gênero comunicação oral, observando a influência para o letramento acadêmico dos discentes na Universidade. Para tanto, baseamo-nos, principalmente nos estudos de Rojo (2001), Soares (2003), Marcuschi (2001), Marcuschi; Dionísio (2007) e Bueno; Costa-Hubes (2015). Em se tratando de questões metodológicas, definimos o *corpus* da pesquisa a partir da aplicação de 20 questionários com alunos que estão cursando a partir do 7º período da graduação em Letras Português de um instituição pública/gratuita. Em seguida, os dados foram representados por meio de categorias apresentadas a partir de um gráfico demonstrativo das informações obtidas. Diante disso, obtivemos resultados que demonstram equívoco sobre a concepção de oralidade, uma imprecisão sobre a concepção do gênero discursivo comunicação oral, ausência de trabalho com os aspectos constituintes da comunicação oral e uma carência no desenvolvimento do letramento acadêmico.

Palavras-chave: Letramento acadêmico. Comunicação oral. Gêneros discursivos na esfera acadêmica.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No contexto educacional, quando nos referirmos aos termos “práticas” e “competências” relacionados a organização e a efetivação de saberes representados em diferentes situações, ressaltamos também que para a realização dessas “práticas” e o desenvolvimento de “competências” é imprescindível o conhecimento acerca de como efetivamente isso tudo pode ser organizado. Por assim ser, entendemos que ao ingressar na Universidade o processo de ensino-aprendizagem deve ser pautado, de modo especial, em aspectos que forneçam o conhecimento acerca de questões particulares do âmbito acadêmico.

Assim, quando pensamos no processo de ensino-aprendizagem no contexto universitário, devemos levar em consideração uma nova configuração particular de práticas que

¹ Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO, em associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido – (UFERSA) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN). Integrante do Grupo de Pesquisa - Oralidade, Letramentos e Ensino – ORALE. *E-mail:* leiliane.aquino@yahoo.com.br

² Docente dos cursos de Letras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA e do Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO - em associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN). Líder do Grupo de Pesquisa Oralidade, Letramentos e Ensino – ORALE. *E-mail:* elaine.forte@ufersa.edu.br

envolvem as modalidades escrita e oral da língua. Desse modo, a escrita e a oralidade na academia (e fora dela) são ferramentas que perpassam por todas as áreas, por todos os cursos, ou seja, o atendimento as questões acadêmicas relacionadas as produções nesse meio se efetivam pela necessidade da adequação ao próprio contexto em que estamos inseridos. Logo, para que haja essa adaptação se faz necessário conhecer as diferentes formas existentes de elaboração dos textos que são solicitados.

Desse modo, as sistematizações que circulam no contexto acadêmico a partir dos distintos gêneros discursivos requer dos (as) alunos (as) a aquisição de outros conhecimentos, de novas práticas organizadas em diferentes modos de interpretar e de agir pela escrita e a oralidade. Logo, para o atendimento as exigências desse contexto social os discentes são solicitados a fazerem uso e mobilizar recursos da linguagem que se adequem na estrutura, por exemplo: de uma resenha, de um artigo, de uma comunicação oral, de um seminário, dentre outros. Então, a produção satisfatória desses gêneros requer uma estrutura específica e, por isso, se faz necessário a discussão, sobretudo relacionada a etapa de produção.

Assim, conectados a um novo olhar, as diferentes perspectivas, aos novos debates que têm permeado os discursos sobre produção de textos na Universidade, compreendemos que as questões problemáticas oriundas do processo de produção dos gêneros discursivos da esfera acadêmica se iniciam antes da efetivação de práticas com a escrita e/ou com a oralidade, ou seja, abrangem indiscutivelmente seus modos de processar a organização retórica do gênero, estando atreladas diretamente ao que sabemos (ou não) sobre que elementos devem ser articulados no momento da produção.

Diante disso, foi tomando como base, principalmente essas inquietações que definimos como objetivo desta pesquisa - compreender as práticas com a oralidade através do gênero comunicação oral, observando a influência para o letramento acadêmico dos discentes na Universidade. Na tentativa de alcançar o propósito definido para esta discussão, baseamo-nos, em parte, nos pressupostos presentes nos estudos sobre letramento e oralidade. Para isso, as discussões de Rojo (2001), Soares (2003), Marcuschi (2001) foram fundamentais na ampliação de um debate que aborde diferentes perspectivas sobre letramento. Além disso, apoiamo-nos também nos preceitos teóricos de Bueno, Costa-Hubes (2015), Marcuschi; Dionisio (2007) e Bueno; Zani (2016) para embasar a discussão sobre oralidade no contexto educacional, ressaltando a relevância do trabalho como gêneros discursivos orais/formais/públicos e a sistematização destes no contexto da sala de aula.

Com relação ao *corpus* da pesquisa, analisamos 20 questionário respondidos por alunos do curso de Letras Português que estão cursando a partir do 7º período. Logo após, esses dados foram discutidos e organizados em um gráfico que condensa as informações encontradas. Sendo assim, acreditamos na relevância de um olhar mais crítico para a natureza das dificuldades observadas nas produções acadêmicas dos discentes. Logo, isso nos levará a compreender as interferências das diferentes possibilidade de usos e das funções da escrita e da oralidade enquanto prática social em situações comunicativas contextualizadas no âmbito acadêmico.

Portanto, nas próximas seções, discutiremos, ainda que de forma breve, algumas questões relacionadas com as concepções acerca dos conceitos de Letramento (s), de letramento acadêmico. Além disso, trataremos também de teorias que discutem sobre o trabalho com a modalidade oral da língua, bem como a inserção dos gêneros orais formais no âmbito de ensino. Em seguida, apresentaremos as seções que discutem os aspectos metodológicos, a análise e discussão dos dados e as considerações (semi) finais.

2 LETRAMENTOS COMO PRÁTICAS SOCIAIS

Letramento (s) é um conceito que foi introduzido no vocabulário no contexto educacional e dos estudos em linguagem há pouco mais de vinte anos (SOARES, 2003), assim, a utilização do termo passou a ser entendida como meio necessário para nomear comportamentos sociais no ato de aprendizagem em diferentes esferas da atividade humana, bem como para práticas da leitura e da escrita que ultrapassam os procedimentos de decodificação do sistema alfabético e ortográfico, em outras palavras, os procedimentos habituais e tradicionais do processo cotidianamente de alfabetização.

Diante disso, não constitui tarefa fácil explicar, definir, exemplificar o que seja letramento (s), uma vez que este passou a ser compreendido como um fenômeno complexo, principalmente por apontar a formação de pessoas e contextos marcados por aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais. Todavia, como já citado anteriormente o letramento vai muito além da decodificação do código de uma língua, a perspectiva em que este conceito vem amparado representa um conjunto de práticas sociais capazes de serem realizadas pelas pessoas nas diferentes situações em que estas possam estar inseridas.

Para Marcuschi (2001, p. 25) letramento é compreendido como “a participação de forma significativa em eventos de letramento, como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado pois identifica o valor do dinheiro, reconhece o ônibus que deve tomar para chegar ao seu trabalho,

resolve cálculos complexos, etc., mas não lê jornais, ou escreve *e-mails* [...]”. Sendo assim, adotamos para essa discussão a ideia de que letramento não é simplesmente um conjunto de habilidade individuais, mas uma junção de práticas sociais que estão interligadas com a leitura e a escrita (ROJO, 2001). Para tanto, no que se refere a sala de aula “não adianta simplesmente letrar quem não tem o que ler nem o que escrever. Precisamos dar as possibilidades de letramento” (SOARES, 2003), isto é, o âmbito educacional deve promover possibilidades para a efetivação de práticas de letramentos diversos.

Desse modo, quando se pensa nas modalidades da língua e seus usos, é impossível não associá-la à concepção de letramento. Considerando o âmbito de mudanças em que vivemos, principalmente influenciado pelos avanços tecnológicos, é pertinente destacar que o termo *letramento* já não contempla mais todos os traços que compõem a diversidade de gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Logo, a ideia de *letramentos* é que deve ser adota, tendo em vista que os diversos aspectos que são característicos dos distintos textos produzidos em ambas as modalidades da língua (oral e escrita).

Em se tratando do contexto acadêmico é importante salientar que não estamos dizendo que o estudante não precisa desenvolver habilidades de leitura e escrita específicas do domínio acadêmico, visto que isso faz parte do letramento acadêmico, mas, para que isso aconteça, é preciso considerar as capacidades já desenvolvidas nas séries anteriores, no sentido de saber qual é a condição letrada do aluno. Logo, o letramento acadêmico é um dos tipos de letramento diante de muitos existentes. O letramento acadêmico é também, como no letramento nos níveis escolares de base, um processo de desenvolvimento de práticas e comportamentos sociais que interagem mutualmente com a escrita e a oralidade, porém se dá para fins específicos daquele domínio social, ou seja, o aluno passa a ser solicitado a produzir e agir atendendo as questões especificamente exigidas no contexto acadêmico, sobretudo através da produção de textos.

Portanto, o (a) estudante está adentrando um contexto de domínio próprio, logo, ele deve se adaptar, para isto é necessário que haja facilitadores no processo de aprendizagem, ou seja, requer do contexto universitário uma abordagem previa de questões que anteriormente não foram estudadas pelos alunos. Se faz necessário um trabalho sistematizado para que os discentes passem a ter domínio dos gêneros discursivos exigidos.

3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS E A ORALIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Os gêneros discursivos são produtos de interação social adotados nos mais variados âmbitos como organizadores da linguagem e como ligação entre o eixo educacional e social. Assim, estes se apresentam como instrumentos mediadores no processo de apropriação e uso da modalidade escrita e oral da língua, mas sua eficiência depende de um planejamento didático sistematizado, criterioso e comprometido com a aprendizagem dos alunos. Sendo assim, é imprescindível a sua abordagem no processo de ensino-aprendizagem como recurso para a prática docente.

Todavia, mesmo diante do papel relevante e essencial de trabalhos com os gêneros discursivos orais e escritos, pesquisas mostram que o eixo da oralidade têm uma “atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita” (MARCUSCHI, 2005). Segundo Bueno e Costa-Hubes (2015) mesmo diante da oficial obrigatoriedade do ensino da língua oral, as discussões e práticas sobre o assunto ainda permanecem escassas. Apesar das diversas tentativas de mudanças manifestadas, é lenta a efetivação de muitas questões, especialmente, porque parte destas não estão facilmente ao alcance do professor por inúmeros fatores e, além disso, trazem consigo o peso de uma tradição/construção histórica custosa de se romper.

Em vista disso, é visível que as investigações ainda mostram resultados em que a modalidade oral não assume nas aulas de Língua Portuguesa o mesmo lugar da modalidade escrita. (MARCUSCHI E DIONISIO, 2007) Para entender tal fato, segundo Marcuschi e Dionisio (2007), se faz necessário procurar compreender, sobretudo, a relação entre escrita e fala, pois um dos inúmeros equívocos existentes que envolvem a abordagem (ou mesmo uma ausência) da oralidade nos trabalhos realizados nas aulas de Português está atrelado, acima de tudo, a ideia errônea que se tem sobre a relação entre ambas as modalidades da língua.

Para que se compreenda e realize um trabalho significativo com a oralidade, é necessário entender que as condições de uso da língua é que determinam, na maioria dos casos, a sua formulação, assim sendo, tanto a fala quanto a escrita fazem parte de um mesmo sistema linguístico. No entanto, cada uma tem suas particularidades (as suas regras e meios de serem empregadas) que não as excluem, pelo contrário, as complementam, isto é, “ambas têm um papel importante a cumprir e não competem.” Logo, cada uma tem que ser trabalhada em sala de aula de acordo com as suas especificidades para que sejam contemplados “os aspectos linguísticos, discursivos, cognitivos e sociais”. (MARCUSCHI E DIONISIO, 2007, p. 28)

Frente a essa questão, pesamos a favor do desenvolvimento de competências orais no contexto educacional a partir de um ensino produtivo marcado pela interação entre

interlocutores, influenciáveis pelos diferentes contextos sociais e formadas a partir de práticas efetivas. Para tanto, é fundamental como destacado nos PCN (BRASIL, 1998) que a escola ensine aos alunos as fases de planejamento e realização de apresentações públicas. Nessa direção, importa destacar que os gêneros textuais orais (formais) devem fazer parte da prática do professor nas aulas de Língua Portuguesa, considerando a necessidade do desenvolvimento das competências linguístico-discursivas dos alunos, seja por meio das interações cotidianas, como também das interações institucionalizadas como formais.

Em vista disso, percebe-se o quanto são essenciais tais reflexões, já que é de fundamental importância que as aulas não abordem concepções de língua, de linguagem e de sujeitos como subjacentes. Pelo contrário, que preparem o aluno para ser proficiente e autônomo no emprego das diferentes modalidades da língua, tendo, dessa forma, resiliência diante das práticas interativas nos contextos sociais.

Dessa maneira, sabemos da importância de se trabalhar a modalidade oral da língua na sala de aula da Educação Básica e da Universidade. Assim, é por acreditarmos na relevância do ensino de língua materna com base em gêneros que circulam socialmente, que ressaltamos a necessidade de proporcionar o ensino da escrita e da oralidade maneira sistemática, de modo que possa abranger não só o contexto informal, mas principalmente o formal, pois é nele que provavelmente nossos alunos terão de produzir gêneros formais e públicos e, com isso, terão a possibilidade de pôr em prática os mais diversos usos da língua. Portanto, na seção seguinte nos centramos, especificamente nas questões relacionadas aos aspectos metodológicos da pesquisa.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, iremos apresentar aspectos relacionados ao contexto da pesquisa, ou seja, detalharemos o *corpus* escolhido e os procedimentos metodológicos utilizados. Como já citado na parte introdutória deste artigo esta discussão encontra-se centrada em interlocuções feitas acerca do letramento acadêmico e a produção do gênero discursivo comunicação oral.

Dentro desse contexto nos detemos aos vinte questionários³ aplicados com alunos (as) que estão cursando a partir do 7º semestre do curso de Letras Português, a partir do uso da ferramenta de formulários *online* – *Google Forms*. Em se tratando do processo da coleta de dados para a realização desta pesquisa, primeiramente foi feita uma leitura/análise de cada

³Link para acessar o questionário: https://docs.google.com/forms/d/1AreeX6mSbqItZINzIDy9OIT4NQyuN9PmIblPSmuFIA/viewform?edit_request=true

questionário com o intento de verificarmos se existe uma abordagem da oralidade e o trabalho com o gênero comunicação oral em sala de aula. Logo após, parte da análise foi representada por meio das respostas presentes nos questionários e de um gráfico, a fim de, didaticamente discutir e expor os resultados constatados.

Desse maneira, neste artigo, foram adotados métodos de pesquisa de cunho qualitativa, que para Minayo (2009) é um modelo de abordagem que busca responder a questões muito particulares e não se preocupa em quantificar a realidade observada. Já em relação ao procedimento utilizado para a análise dos dados e o objetivo central deste trabalho nos amparamos em Gil (2002) para classificar a pesquisa como exploratória, visto que esta é desenvolvida com base em material já elaborado, por exemplo os questionários, que visam representar as concepções do grupo pesquisa acerca de determinado assunto.

Portanto, adiante iremos refletirmos sobre as questões propostas expondo as ponderações sobre o contexto em que estas se encontram, do mesmo modo que, apresentaremos os resultados dessas reflexões e suas possíveis ligações com a base teórica aqui adotada.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Atendendo ao que está proposto no objetivo dessa pesquisa, a seção de análise e discussão dos dados apresenta uma reflexão que tem o propósito de compreender as práticas com a oralidade através do gênero comunicação oral, observando a influência para o letramento acadêmico dos discentes na Universidade. Assim, adiante trataremos de expor os resultados obtidos através da aplicação dos questionários que foram respondidos por vinte estudantes do curso de Letras Português de uma instituição de Ensino Superior pública/gratuita.

As perguntas presentes no questionário se detêm a indagações que visam buscar informações sobre: a concepção dos participantes acerca do que seja oralidade, do que eles entendem por gênero discursivo comunicação oral, qual a relevância da fase de preparação prévia, bem como se já apresentaram alguma comunicação oral ou não.

Diante disso, as oito perguntas respondidas foram representadas aqui a partir de repostas que retratam uma recorrência comum entre os vinte questionários aplicados, ou seja, cada resposta aqui discutida é a demonstração de um grupo que tomou como base as mesmas ideias para discussão dos questionamentos que foram propostos.

Diante disso, ao analisarmos de modo mais pontual os grupos de respostas, elencamos a análise com base nos seguintes pontos: *concepção sobre oralidade, concepção sobre o gênero*

comunicação oral, conhecimento acerca dos elementos constituintes do gênero comunicação oral, ausência (ou não) do trabalho com esse gênero em sala de aula e a importância do planejamento/sistematização para a produção do gênero aqui analisado.

Logo, quando nos referirmos ao primeiro ponto - concepção sobre oralidade - podemos perceber através da maioria das respostas que os discentes apresentam um equívoco sobre o conceito de oralidade. Vejamos o que dizem alguns participantes⁴ sobre o que entendem por modalidade oral da língua.

(P3) - Fala

(P4) - Entendo oralidade como a linguagem falada, aquilo que se expressa por meio dos sons vocais.

(P5) - Falar, fazer compreender uma ideia, um tema ou uma história por meio da comunicação oral

(P8) - Entendo por oralidade todos os aspectos que envolvem a oralização de um discurso, desde o seu planejamento à fala propriamente dita.

Maneira de se transmitir algo ou se relacionar em forma oral.

Para eles, oralidade é restringida ao fato de “falar”, ou seja, a ação de discutir sobre um texto, apresentar um seminário, expor uma opinião, conversar com um colega, dentre outros. Tudo que envolve aspectos orais já é definido como práticas com a oralidade. No entanto, segundo Marcuschi (2007, p. 40) existe uma distinção entre oralidade e fala, “A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se na oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano [...]” e a “A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso”.

Assim, a *fala* é interpretada aqui como a forma que um indivíduo se expressa fazendo uso da linguagem verbal e tendo um caráter mais geral nos contextos da sociedade. Já em relação à *oralidade/ modalidade oral /língua oral*, termos adotados aqui como intercambiáveis, entendemos muito mais que uma forma de comunicação, este é uma meio de ação social (MARCUSCHI, 2007) que constituem as diferentes especificidades da linguagem agregando ainda uma série de recursos extralinguísticos constituintes também do momento de interação, e tendo os gêneros discursivos orais como a efetivação e materialização nas práticas cotidianas dos termos já citados, estabelecendo um processo de diálogo entre os sujeitos envolvidos no meio social.

⁴ Cada participante foi identificado com os códigos P1, P2, P3 e assim sucessivamente, a fim de preservar a identidade dos envolvidos com a pesquisa.

Partindo desse primeiro aspecto apresentado pelos participantes, estes demonstraram ainda uma visão superficial em relação ao que entendem pelo gênero discursivo – comunicação oral. Ao serem questionados sobre o conceito do gênero a maioria dos participantes apresentaram respostas como:

(P1) - O texto que produzimos, ao falarmos, se materializa por meio de gêneros e essa materialização tem como suporte a voz humana. Então trata-se da comunicação que tem como suporte a voz.

(P3) - Diálogo, conversa, algo para ser falado.

(P11) - Discutir o texto oralmente, falar o que entendeu.

(P9) - É o gênero que trata das diversas formas discursivas presentes na oralidade.

É possível observar por meio desse grupo de respostas que a maioria das pessoas participantes da pesquisa não têm uma ideia concreta em relação ao conceito de comunicação oral. Nas respostas dos participantes P1, P3, P9 e P11 a comunicação oral não aparece com uma definição coerente. Isso foi bem semelhante com as questões apresentadas para o conceito de oralidade mostrando, provavelmente uma relação entre esses aspectos. A inconsistência dessa definição parece-nos aparecer desde o entendimento da própria modalidade oral, resultando na inconsistência sobre o seja o gênero em específico.

As respostas além de não apresentarem uma definição para o gênero, os participantes apontaram ainda os elementos: domínio do conteúdo, domínio da formalidade, organização do roteiro de apresentação, experiência com práticas, dentre outros como sendo fundamentais para a produção desse gênero. Logo, de maneira geral não é possível constatar que os alunos apresentam uma noção coerente sobre o que seja a comunicação oral e quais são seus aspectos fundamentais.

Para Zani e Bueno (2016, p. 04), quando se trata da comunicação oral em eventos científicos, este é um gênero conceituado como

[...] um exemplo de gênero textual público, relativamente formal, materializado na interface escrito-oral, ou seja, que parte de uma escrita, mas se concretiza ao ser oralizado. Se revela na esfera acadêmica, envolvendo, de um lado o expositor (orador) que dirige-se ao destinatário veiculando informações referente a um determinado conteúdo e, de outro, o auditório (destinatário) disposto a aprender alguma coisa.

Assim, é possível observar que os elementos apresentados pelos participantes fazem parte da composição do gênero. No entanto, são aspectos gerais que norteiam práticas com a oralidade, mas não são predominantes na produção de uma comunicação oral. Fazer uso de um roteiro para apresentação, ensaiar, dentre outros são práticas fundamentais na produção de textos orais. Mesmo assim, sabemos que existem aspectos que enfaticamente marcam a

produção dos gêneros, no caso da comunicação oral os participantes ao serem indagados sobre essa questão não conseguiram apresentar quais seriam esses elementos.

Outro ponto relevante para se destacar é que os participantes ressaltaram enfaticamente a ausência do trabalho com os aspectos constituintes do gênero ao destacaram em sua maioria que nas práticas em sala de aula muito se discute sobre os aspectos que serão avaliados, todavia pouco se trata de quais elementos precisam (ou não) fazer parte da produção de uma comunicação oral. Vejamos.

(P1) - Antes das apresentações os professores costumam dizer o que eles vão avaliar
(P7) - Não recebi orientações, apenas tento sempre organizar os tópicos de modo que os demais participantes consigam entender a explicação.

Como se pode observar há uma ausência do trabalho com esse gênero no contexto aqui investigado. Essa lacuna é uma questão que muito se discute, sobre esse ponto Ferrarezi Jr; Caralho (2018) chamam atenção para o fato de ser notório que em algumas práticas ainda existe a desconsideração da influência do ambiente, a falta de orientação coerente para as atividades, à ausência dos trabalhos com os textos produzidos na modalidade escrita e/ou oral, e mais uma série de consequências oriundas dessas práticas pautaram-se ao longo do tempo. Mesmo assim, reiteramos que a necessidade de propostas para sala de aula que sejam voltadas para informações que possam ser um apoio firme no momento da produção, tendo em vista que o propósito se que os (as) discentes tenham acesso a informações sobre o gênero e esteja apto a produzi-lo.

Além dos aspectos já analisados, uma outra questão destacada nas respostas foi a importância da elaboração de um roteiro antes do momento da apresentação. Sobre disso, 92,9% dos participantes optam pela elaboração de um planejamento composto por: estudo, roteiro de apresentação e ensaios, conforme foi apresentado nas respostas selecionadas abaixo.

(P4) - Primeiro, leio o texto, muitas vezes, até compreendê-lo. Em seguida, separo as citações que serão utilizadas na elaboração dos slides. Costumo, às vezes, ensaiar a apresentação. Principalmente, quando um dos critérios avaliativos é o tempo.
(P8) - Durante o estudo eu vou fazendo em uma folha a parte uma lista de tópicos com os principais pontos a serem falados.
(P11) - Bom, esse planejamento é feito observando o público-alvo da apresentação, visando adequar o conteúdo aos aspectos do gênero e ao público que irá assistir.

Sobre a fase de planejamento, consideramos importante a etapa de planejamento para a produção de gêneros da modalidade oral da língua em situações que são requeridas as produções de gêneros orais formais e públicos. Ao nosso ver os textos não precisam ser memorizados, contudo, necessitam de um planejamento.

Diante das questões expostas podemos apresentar um resumo dos questionário a partir do gráfico a seguir.



Fonte: elaboração própria.

O gráfico acima demonstra a recorrência dos aspectos que foram analisados anteriormente. Podemos observar que os dados oriundos dos questionários aplicados resultaram na organização dos seguintes aspectos: *equívoco sobre a concepção de oralidade*, *uma imprecisão sobre a concepção do gênero discursivo comunicação oral*, *ausência de trabalho com os aspectos constituintes da comunicação oral* e *uma carência no desenvolvimento do letramento acadêmico*.

Esses resultados nos dão aportes para discutirmos sobre como se organiza as comunicações orais, percebendo que estas têm um contexto de produção diferente das demais apresentações orais realizadas no âmbito acadêmico. Dessa forma, levar o aluno a conhecer e compreender as características desse gênero serve para desenvolver o seu letramento acadêmico.

Portanto, há a necessidade de que a esfera acadêmica assuma o seu papel de agência de letramento através, principalmente da produção dos diferentes gêneros discursivos produzidos nesse espaço, bem como a sua sistematização, considerando as particularidades desse gênero discursivo e da modalidade oral da língua.

6 CONSIDERAÇÕES (SEMI) FINAIS

Conforme já dissemos, para este artigo, o foco foi dado as práticas com a oralidade através do gênero comunicação oral, observando a influência para o letramento acadêmico dos

discentes na Universidade. Os resultados da análise dos dados apontaram para um equívoco sobre a concepção de oralidade, uma imprecisão sobre a concepção do gênero discursivo comunicação oral, ausência de trabalho com os aspectos constituintes da comunicação oral e uma carência no desenvolvimento do letramento acadêmico. Conseqüentemente, foi possível constatar que os alunos apresentaram incompreensões que demonstram uma falta de letramento acadêmico na produção do gênero discursivo em questão.

Por fim, enfatizamos o quanto são essenciais tais reflexões para o ensino de línguas, pois é fundamental preparar o aluno para a produção de gêneros discursivos nas modalidades escrita e oral para que ele tenha desenvoltura nas mais diversas práticas interativas das quais podem participar. Sendo assim, reforçamos que o trabalho com a oralidade e com os gêneros orais necessitam de posicionamento teórico e metodológico para que, de forma sistemática, articulem o processo de ensino de forma significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.

BUENO, Luzia; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. (Org.). *Gêneros orais no ensino*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____, L. A.; DIONÍSIO, A. P. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. C. de S. O Desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu, _____, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 09-29.

ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOARES, Magda, Letramento e alfabetização: as muitas facetas, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

ZANI, Juliana Bacan; BUENO, Luzia. *O letramento na universidade e a apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de mestrado e doutorado*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXI: 55-71, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.